

Clíticos pronominais em português L2*

Ana Madeira, Maria de Lourdes Crispim e
Maria Francisca Xavier
Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

Este artigo tem como objectivo contribuir para o estudo da aquisição dos clíticos pronominais e dos seus padrões de colocação por aprendentes de português língua segunda (L2). Para tal, serão apresentados os resultados de um estudo realizado com aprendentes de português L2, com diferentes línguas maternas e diferentes níveis de proficiência. Neste trabalho, procurar-se-á caracterizar e explicar os padrões de desenvolvimento observados na aquisição desta propriedade gramatical, assim como determinar a extensão dos efeitos da L1 no desenvolvimento da gramática dos aprendentes.

2. Padrões de colocação de clíticos em português europeu

Abaixo estão descritos os padrões de colocação investigados neste estudo. São eles os seguintes:

1. Ênclise (ordem verbo-clítico) é obrigatória nos seguintes contextos:

1.1. Declarativas afirmativas

(1) Levei-as para a praia

1.2. Interrogativas globais afirmativas

(2) Ofereceste-lhe o último livro do Saramago?

2. Próclise (ordem clítico-verbo) é obrigatória nos seguintes contextos:

2.1. Frases negativas

(3) O António não a vendeu

* Agradecemos aos professores do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, da Universidade Nova de Lisboa, pela disponibilidade que nos manifestaram para a recolha de dados; a todos os estudantes que participaram no estudo; e a Nuno Rendeiro, pela sua colaboração na análise dos dados. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto POCI/ LIN/62214/2004 – Morfologia e Sintaxe na Aquisição de L2.

2.2. Frases com quantificadores em posição pré-verbal

(4) Alguém o limpou ontem

2.3. Orações subordinadas introduzidas por um complementador

(5) As mulheres disseram que a polícia as enganou

2.4. Frases com certos advérbios em posição pré-verbal

(6) Eu já a vi na televisão

(7) Eu só lhe contei ontem

2.5. Interrogativas-Qu

(8) Quem as encontrou?

3. Tanto ênclise como próclise são possíveis em orações infinitivas introduzidas por uma preposição:

(9) Pedi ao Rui para lhes telefonar / telefonar-lhes esta noite

3. Aquisição dos padrões de colocação de clíticos em português L1

Segundo Duarte, Matos & Faria (1995), em aquisição de português língua materna (L1), ênclise é o padrão de colocação preferido em todos os contextos até por volta dos 42 meses. Veja-se os seguintes exemplos, em que o pronome ocorre em posição enclítica numa frase negativa (cf. exemplo (10)) e numa interrogativa-Qu (cf. exemplo (11))¹:

(10) não chama-se nada (M., 20 months)

(11) porque é que foste-me interromper? (R., 29 months)

Próclise torna-se o padrão predominante em frases negativas e em orações subordinadas introduzidas por um complementador por volta dos 48 meses.

De entre as principais características observadas na aquisição de pronomes clíticos em português L1 destacam-se a omissão do objecto (cf. exemplo (12)), 'leísmo', ou seja substituição do pronome acusativo de 3ª pessoa pelo pronome dativo (cf. exemplo (13)) e a reduplicação do clítico, ou seja, a sua ocorrência simultânea em posição pré- e pós-verbal (cf. exemplo (14)).

¹ Todos os exemplos nesta secção são retirados de Duarte, Matos & Faria (1995).

(12) o menino estava a chamar (L.M., 5 years)

(13) depois atirou-lhe # ele # para o rio (L.M., 5 years)

(14) não te engasgas-te nada!

4. Estudos sobre aquisição de L2 de pronomes clíticos em outras línguas românicas

São raros os trabalhos que se debruçam sobre a aquisição dos padrões de colocação dos clíticos em português L2². Existem vários estudos realizados nos últimos anos sobre a aquisição de pronomes clíticos por aprendentes de L2 em línguas românicas tais como galego (Otero-Gracia, 2002), espanhol (Liceras, 1985; Liceras *et al.*, 1997; Duffield & White, 1999), francês (Selinker, Swain & Dumas, 1975; Belletti & Hamann, 2000; White, 1996; Duffield *et al.*, 2002) e italiano (Leonini & Belletti, 2004). De entre as conclusões que se retiram destes estudos, destacam-se as seguintes:

- É estabelecida, desde os estádios iniciais de aquisição, uma distinção clara entre clíticos e pronomes fortes, com colocação dos clíticos em posições apropriadas (Liceras, 1985; Liceras *et al.*, 1997; White, 1996; Leonini & Belletti, 2004)³.
- Não há evidência de influência da L1, não se registando diferenças significativas entre falantes de línguas maternas distintas (Liceras, 1985; Duffield & White, 1999; Duffield *et al.*, 2002)⁴.
- Todos os aprendentes seguem um percurso idêntico na aquisição de pronomes clíticos, paralelo ao observado na aquisição de L1, com aparecimento tardio de clíticos, e com omissão, uso restrito ou substituição por pronome forte ou por NPs lexicais nos estádios iniciais (White, 1996; Liceras *et al.*, 1997; Leonini & Belletti, 2004).
- Em geral, verifica-se sucesso na aquisição das propriedades e dos padrões de colocação dos clíticos, independentemente da sua ocorrência na língua materna dos aprendentes (Otero-García, 2002; Duffield & White, 1999; Duffield *et al.*, 2002).

5. Hipótese

Vamos colocar a hipótese de que, à semelhança do que acontece em outras línguas românicas, todos os aprendentes seguem um percurso de desenvolvimento idêntico na

² De entre as exceções, destaque-se o trabalho desenvolvido em Mapasse (2005), relativo ao português de Moçambique, que obtém resultados muito próximos dos que descrevemos neste artigo.

³ No entanto, Selinker, Swain & Dumas (1975) observam, em dados de francês L2, um pequeno número de ocorrências de clíticos em posição pós-verbal e como complementos de preposições, o que sugere uma ausência de distinção entre clíticos e pronomes fortes.

⁴ Contudo, Leonini & Belletti (2004) propõe que a presença de clíticos sintáticos na L1 tem um papel facilitador na aquisição de clíticos na L2, e Otero-García (2002) e Belletti & Hamann (2000) referem alguma evidência de efeitos da L1.

aquisição dos padrões de colocação dos clíticos em português, paralelo ao verificado na aquisição de português língua materna, não exibindo efeitos de influência da L1 (na linha da Hipótese da Continuidade Forte defendida por Epstein *et al.*, 1998). Caso esta hipótese se verifique, o que iremos encontrar em português L2 será diferente do que se verifica na aquisição de outras línguas românicas como espanhol, francês e italiano. Prevê-se:

1. generalização de ênclise nos estádios iniciais para todos os aprendentes;
2. emergência gradual de próclise, sendo as condições que determinam este padrão adquiridas numa sequência idêntica para todos os aprendentes.

6. Estudo

Foram testadas oito condições, correspondentes aos contextos descritos na secção 2.

Colocação do clítico em:

- A. frases declarativas afirmativas (quatro frases)
- B. interrogativas globais afirmativas (uma frase)
- C. frases negativas (três frases)
- D. frases com quantificadores em posição pré-verbal (três frases)
- E. orações subordinadas introduzidas por um complementador (duas frases)
- F. frases com advérbios proclisadores em posição pré-verbal (três frases)
- G. interrogativas-Qu (duas frases)
- H. orações infinitivas introduzidas por uma preposição (três frases)

6.1. Testes

Foram aplicados dois tipos de testes aos informantes, tendo cada informante realizado apenas um dos testes. Os testes foram realizados na sala de aula.

6.1.1. Teste de produção elicitada

Neste teste, pedia-se ao informante que reescrevesse uma frase, substituindo por um pronome uma expressão nominal sublinhada na frase original. O teste consistia num total de vinte e sete frases (incluindo duas frases em que a expressão a ser substituída funcionava como complemento de preposição e quatro frases com formas verbais gerundivas e participiais).

6.1.2. Teste de juízos de aceitabilidade

Este teste era constituído pelas mesmas frases que o teste de produção elicitada. Para cada frase, eram dadas três alternativas, em que a expressão sublinhada era substituída por um pronome. Ao informante pedia-se que avaliasse a aceitabilidade de

cada uma das três alternativas, utilizando uma escala de 1 a 5, sendo 1 completamente inaceitável e 5 completamente aceitável (cf. exemplo em (15)).

(15) **EU JÁ OUVI ESSA LOCUTORA NA RÁDIO.**

- | | | | | | |
|-----------------------------|---|---|---|---|---|
| A. Eu já ouvi ela na rádio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| B. Eu já ouvi-a na rádio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| C. Eu já a ouvi na rádio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

6.2. Informantes

Os informantes neste estudo eram estudantes Erasmus, de uma faixa etária entre os 19 e os 30 anos, que se encontravam a estudar em universidades portuguesas nos anos lectivos de 2004-2005 e 2005-2006. O tempo de permanência em Portugal à data do teste variava entre 7 meses e 1 semana.

Os informantes foram divididos em dois grupos, de acordo com o tempo de aprendizagem (formal e/ou informal) do português:

Grupo 1: menos de um ano de aprendizagem (entre 3 semanas e 9 meses)

Grupo 2: mais de um ano de aprendizagem (entre 1 e 2 anos)

Dentro de cada grupo, os informantes foram divididos em dois subgrupos, de acordo com a sua língua materna:

Subgrupo 1: falantes de línguas românicas (ou seja, línguas que têm clíticos sintácticos com propriedades semelhantes às dos clíticos do PE, embora possam ter padrões de colocação diferentes)

Subgrupo 2: falantes de línguas não românicas (ou seja, línguas sem clíticos sintácticos com propriedades semelhantes às dos clíticos do PE)

6.2.1. Teste de produção elicitada

Apresenta-se abaixo a caracterização dos informantes do teste de produção elicitada.

	Grupo 1		Grupo 2	
	Subgrupo 1.1	Subgrupo 1.2	Subgrupo 2.1	Subgrupo 2.2
Número de informantes	10	8	6	9
Tempo de aprendizagem	3 semanas – 9 meses	3 semanas – 8 meses	1 – 2 anos	1 – 2 anos
L1	espanhol, catalão, italiano, francês	alemão, holandês	espanhol, italiano	alemão, inglês
Idades	20 – 26	21 – 25	21 – 26	20 – 27

Tabela 1: Caracterização dos informantes do teste de produção elicitada

O teste foi realizado também por um grupo de controlo, constituído por catorze falantes nativos (estudantes universitários no ano lectivo 2005-2006), com idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos.

6.2.2. Teste de juízos de aceitabilidade

Apresenta-se abaixo a caracterização dos informantes do teste de juízos de aceitabilidade.

	Grupo 1		Grupo 2	
	Subgrupo 1.1	Subgrupo 1.2	Subgrupo 2.1	Subgrupo 2.2
Número de informantes	10	6	7	4
Tempo de aprendizagem	7 meses	2 – 9 meses	2 anos	1 – 2 anos
L1	espanhol, italiano, francês	alemão	espanhol, catalão, italiano	alemão, holandês, finlandês
Idades	19 – 30	22 – 26	19 – 27	22 – 24

Tabela 2: Caracterização dos informantes do teste de juízos de aceitabilidade

O teste foi realizado também por um grupo de controlo, constituído por dez falantes nativos (estudantes universitários no ano lectivo 2005-2006), com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos.

6.3. Resultados

6.3.1. Teste de produção elicitada

No teste de produção elicitada, foi feita uma análise por percentagens de ocorrência de cada padrão de colocação em cada uma das condições testadas. Observou-se um predomínio de ênclise entre os informantes com menos de um ano de aprendizagem (ou seja, para o Grupo 1), mais acentuado nos falantes de línguas não românicas. Entre os informantes com mais de um ano de aprendizagem (ou seja, no Grupo 2), ênclise continua a ser o padrão preferido pelos falantes de línguas não românicas, mas não pelos falantes de línguas românicas. Estes resultados, bem como os resultados obtidos com o grupo de controlo, estão representados abaixo (cf. Tabela 3 e o gráfico apresentado na Figura 1).

	Grupo 1.1	Grupo 1.2	Grupo 2.1	Grupo 2.2	Grupo de controlo
Total de frases	210	168	126	189	294
Total de frases válidas	207 (98,6%)	160 (95,2%)	123 (97,6%)	180 (95,2%)	291 (98,97%)
Total de frases excluídas	3 (1,4%)	8 (4,8%)	3 (2,4%)	9 (4,8%)	3 (1,02%)
Ocorrências de ênclise	129 (62,3%)	114 (71,25%)	55 (44,7%)	115 (63,9%)	115 (39,5%)
Ocorrências de próclise	78 (37,7%)	46 (28,75%)	68 (55,3%)	65 (36,1%)	176 (60,5%)

Tabela 3: Resultados globais do teste de produção elicitada

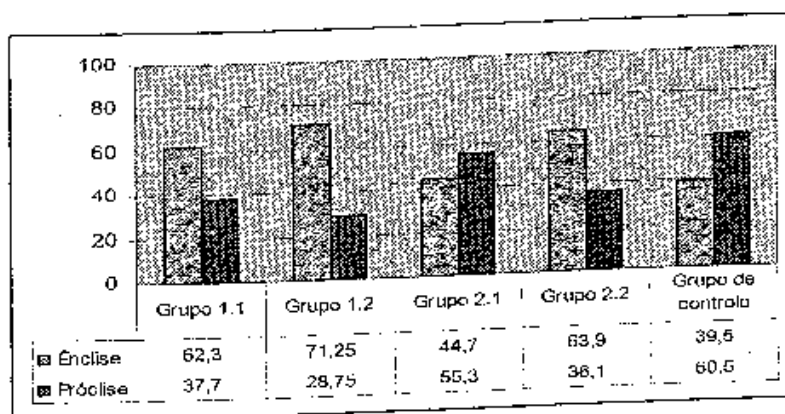


Figura 1: Distribuição dos padrões de ênclise e próclise no teste de produção elicitada

Apesar destas diferenças, uma análise detalhada dos dados sugere que o percurso seguido na aquisição é semelhante para todos os grupos de informantes, independentemente da L1. Se se comparar a distribuição de ênclise e próclise nas oito condições testadas, verifica-se que todos os informantes com menos de um ano de aprendizagem manifestam uma clara preferência por ênclise em todos os contextos (declarativas afirmativas, interrogativas globais, frases com quantificadores pré-verbais, orações subordinadas, infinitivas introduzidas por preposição e, em menor grau, frases com advérbios pré-verbais), com exceção de frases negativas e interrogativas-Qu (Fig. 2 e 3).

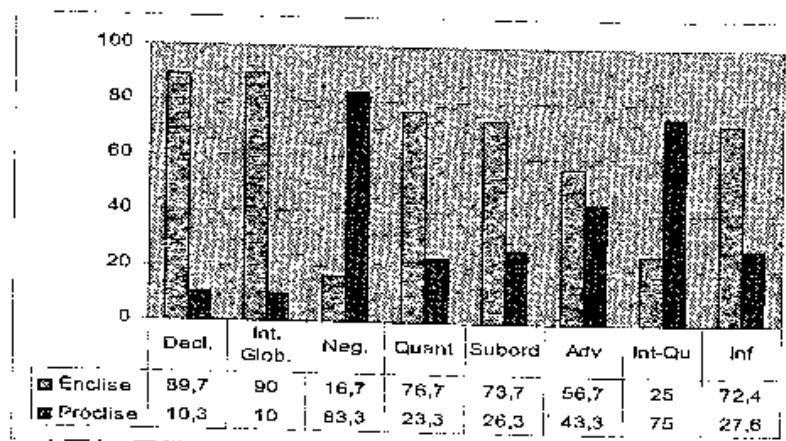


Figura 2: Resultados do teste de produção elicitada
– Grupo 1.1 (L1 espanhol, catalão, italiano, francês)

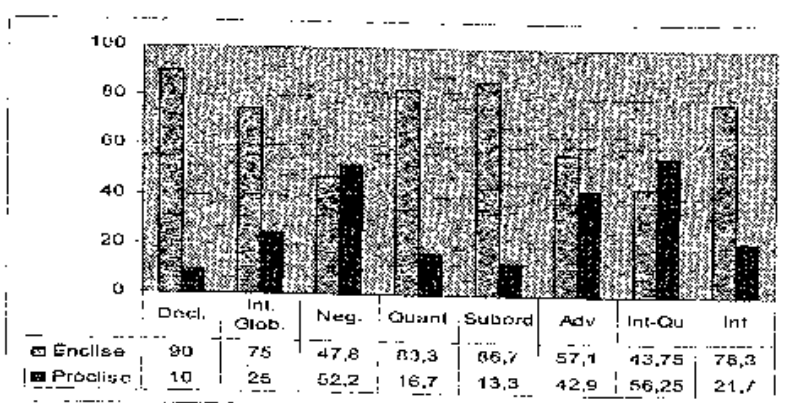


Figura 3: Resultados do teste de produção elicitada
– Grupo 1.2 (L1 alemão, holandês)

Esta tendência é confirmada pela análise dos resultados dos informantes com mais de um ano de aprendizagem (Fig. 4 e 5). Estes resultados apresentam dois dados novos: preferência por próclise em frases com advérbios pré-verbais; e aumento de próclise, no grupo de falantes de línguas românicas, em contextos de ênclise obrigatória (como é o caso de declarativas afirmativas e interrogativas globais) ou opcional (como é o caso das infinitivas introduzidas por preposição). Este facto poderá ser atribuído a influência da L1, que se manifesta também na adesão mais acentuada deste grupo de falantes a próclise em contextos em que esta é obrigatória em português europeu.

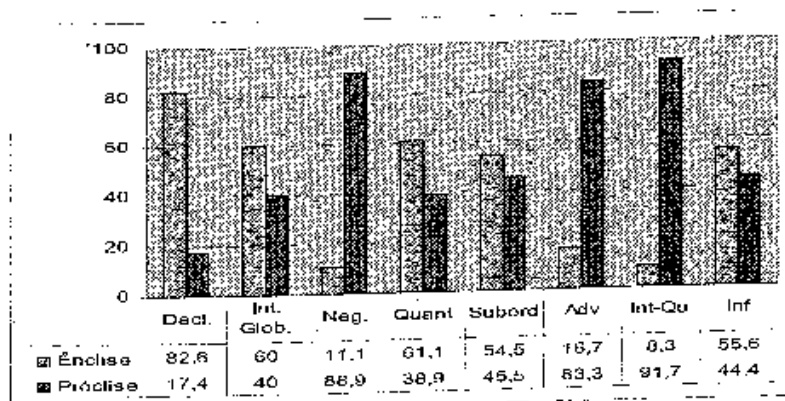


Figura 4: Resultados do teste de produção elicitada – Grupo 2.1 (L1 espanhol, italiano)

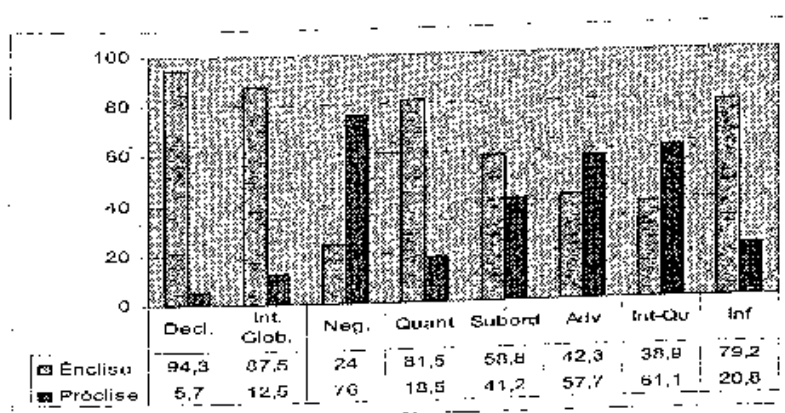


Figura 5: Resultados do teste de produção elicitada – Grupo 2.2 (L1 alemão, inglês)

Na Figura 6, apresentam-se os resultados do grupo de controlo. É interessante verificar que os dois contextos de próclise ainda não adquiridos pelo grupo 2 (ou seja, frases com quantificadores pré-verbais e orações subordinadas) são precisamente os contextos em que a distinção entre ênclise e próclise é menos acentuada para os falantes nativos.

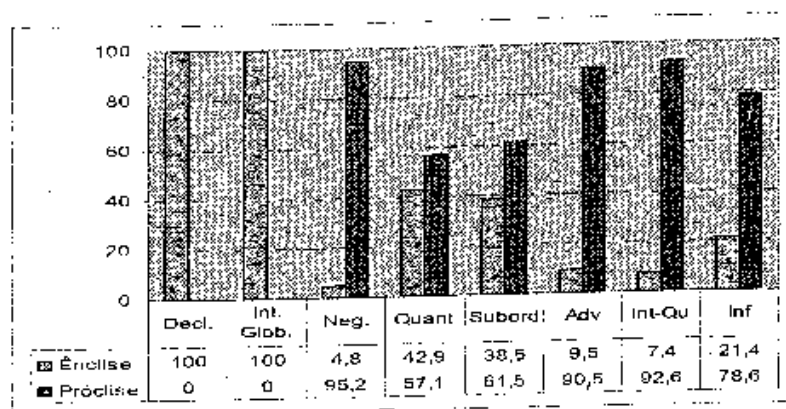


Figura 6: Resultados do teste de produção elicitada – Grupo de controlo

6.3.2. Teste de juízos de gramaticalidade

Ao contrário do que foi observado no teste de produção elicitada, os dados do teste de juízos de aceitabilidade apresentam evidência da aquisição, desde os estádios iniciais, por parte dos falantes de línguas românicas, de todas as condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise (cf. Fig. 7 e Fig. 8).

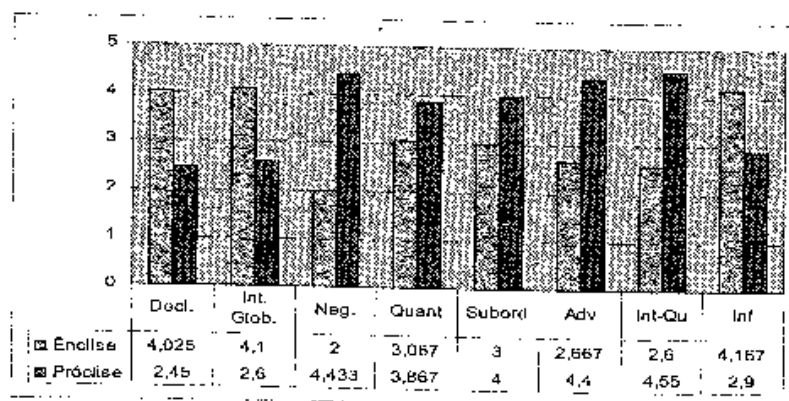


Figura 7: Resultados do teste de juízos de aceitabilidade – Grupo 1.1 (L1 espanhol, italiano, francês)

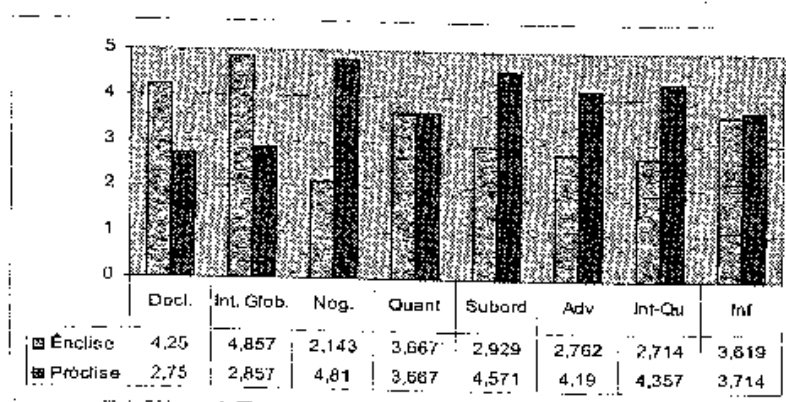


Figura 8: Resultados do teste de juízos de aceitabilidade – Grupo 2.1 (L1 espanhol, catalão, italiano)

Quanto aos falantes de línguas não românicas, a preferência pela ênclise manifestada no teste de produção elicitada é nitidamente marcada em todos os contextos neste teste. Não há evidência de uma distinção clara entre ênclise e próclise, o que põe em dúvida se esta distinção está, de facto, a ser adquirida, como é sugerido pelos dados de produção elicitada (cf. Fig. 9 e Fig. 10). Na Fig. 11, apresentam-se os resultados do grupo de controlo.

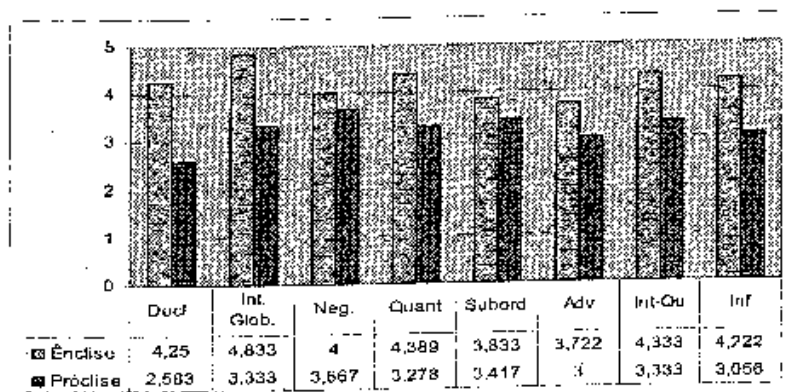


Figura 9: Resultados do teste de juízos de aceitabilidade – Grupo 1.2 (L1 alemão)

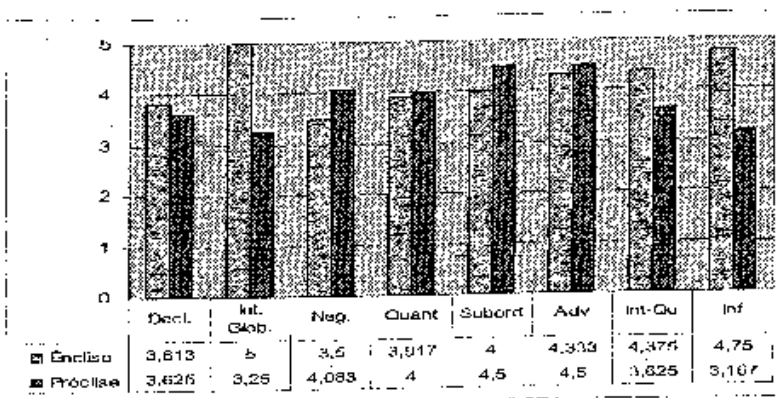


Figura 10: Resultados do teste de juízos de aceitabilidade – Grupo 2.2 (L1 alemão, holandês, finlandês)

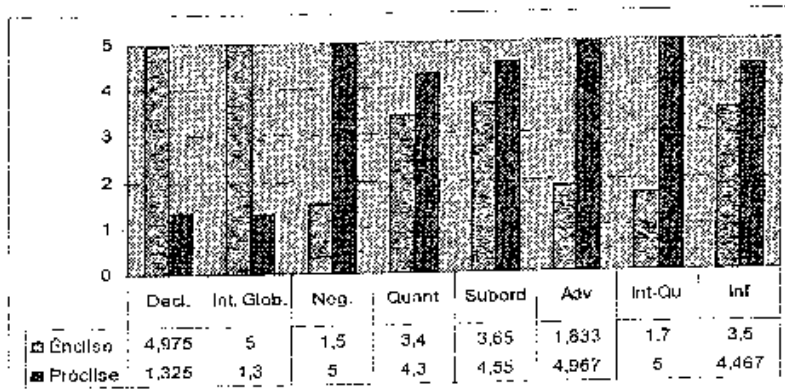


Figura 11: Resultados do teste de juízos de aceitabilidade – Grupo de controlo

7. Análise

Em ambos os testes, mas particularmente no teste de juízos de aceitabilidade, observam-se diferenças entre os dois grupos de informantes, o que sugere a existência de efeitos de influência da L1. No entanto, certos factos parecem indicar que o percurso seguido na aquisição é idêntico para os dois grupos, manifestando-se os efeitos da L1 essencialmente ao nível do ritmo de aquisição das propriedades dos clíticos em português.

1. Nos estádios iniciais de aquisição, parece haver uma tendência marcada para ênclise nos dois grupos de falantes, claramente evidenciada no teste de produção elicitada. Por exemplo, comparando os dois aprendentes com menor tempo de aprendizagem, um falante nativo de espanhol e o outro falante nativo de alemão, ambos com 3 semanas de aprendizagem, verifica-se que o falante de espanhol produz quatro estruturas de próclise (para dezassete de ênclise), enquanto o falante de alemão produz três estruturas de próclise (para dezassete de ênclise). Este parece ser um padrão mais ou menos generalizado, sugerindo que, quanto menor o tempo de aprendizagem e menor o nível de proficiência, maior o predomínio de ênclise, independentemente da língua materna.

Há indícios de que, nesta fase inicial de predomínio de ênclise, os pronomes clíticos são analisados como pronomes fortes, quer pelos falantes de línguas românicas como espanhol, catalão, italiano e francês (línguas que se caracterizam pela não ocorrência de enclíticos com formas finitas do verbo), quer pelos falantes de línguas não românicas como alemão, holandês, inglês e finlandês (línguas em que não existem pronomes clíticos com as propriedades que estes possuem nas línguas românicas). Abaixo apresentam-se alguns exemplos dos dados que parecem apontar para esta hipótese⁵.

A. O pronome ocorre separado do verbo por material lexical:

- (16) a. A avó traz sempre doces **los**.
(L1 inglês, 2 meses, n. i.)
b. Alguém limpou ontem **lo**.
(L1 inglês, 2 meses, n. i.)

B. O pronome é usado como complemento de preposição:

- (17) Fui ao cinema com **lhes**.
(Grupo 1.1, L1 francês, 7 meses; Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)

⁵ Alguns dos exemplos apresentados nesta secção foram recolhidos no âmbito de um estudo piloto. Nesses casos, a identificação do informante contém as iniciais *n.i.*, indicando que se trata de um informante não incluído no estudo aqui descrito. Os restantes exemplos são retirados do teste de produção elicitada.

- (18) a. Estas flores são para-lhe.
(Grupo 1.1, L1 francês, 7 meses)
- b. Estas flores são para a.
(Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)
- (19) a. Os pais ficaram contentes porque o Pedro emprestou os brinquedos a-lo.
(Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)
- b. O João só mente a-lhes quando faz malandrices.
(Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)

C. O pronome clítico é substituído por um pronome forte:

- (20) a. Os alunos chegaram e cumprimentaram ele.
(L1 alemão, 2 meses, n. i.)
- b. Alguém limpou ele ontem.
(L1 alemão, 2 meses, n. i.)
- (21) O menino prometeu que não contava ela.
(L1 alemão, 2 meses, n. i.)

2. A ser confirmada esta hipótese, a aquisição de padrões de próclise em determinados contextos pressupõe a reanálise destes pronomes como clíticos, ou seja, como núcleos funcionais. No caso dos falantes de línguas românicas, a presença de pronomes clíticos na sua L1 parece ter um efeito simultaneamente facilitador e retardador para estes aprendentes, podendo explicar, por um lado, o seu mais rápido progresso na aquisição de estruturas de próclise nos contextos apropriados, e por outro lado, a persistência de próclise em contextos de ênclise observada nos dados de produção.

3. O percurso de desenvolvimento observado na aquisição de L2 dos clíticos pronominais apresenta semelhanças relativamente ao percurso seguido por crianças na aquisição de português L1⁶. Fenómenos característicos da aquisição de L1 verificam-se também na aquisição de L2, como é o caso de omissão do objecto (cf. (22)), substituição do clítico por um demonstrativo (cf. (23)) e reduplicação do clítico (cf. (24)).

- (22) Alguém - limpou ontem.
(L1 romeno, n.i.)

- (23) Eu já ouvi isso na rádio.
(L1 polaco, 2 anos, n.i.)

- (24) Comprei este livro para lhe oferecer-lhe

⁶ E também algumas diferenças, sobretudo no que respeita à estabilidade da gramática ao longo das várias etapas de aquisição – na aquisição de L2, verifica-se uma variação muito maior entre ênclise e próclise em todas as condições.

(L1 romeno, n.i.)

Tal como na aquisição de L1, os aprendentes de português L2 (especialmente os falantes de línguas não românicas) revelam dificuldades a nível da realização morfológica dos clíticos, sobretudo nos níveis iniciais. Há, no entanto, indícios de que a aquisição de propriedades sintáticas é independente da aquisição de propriedades morfológicas, já que alguns aprendentes que parecem ter adquirido os padrões de colocação dos clíticos manifestam problemas persistentes a nível da morfologia – na realização de marcas de género, pessoa e número, mas, particularmente, a nível das distinções casuais (cf. (25)).

(25) a. Levei-lhes para a praia.

(Grupo 1.1, L1 francês, 7 meses; Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)

b. O João só os mente quando faz malandrices.

(Grupo 1.1, L1 espanhol, 7 meses; L1 espanhol e catalão, 9 meses;
Grupo 2.2, L1 alemão, 2 anos)

8. Notas finais

- Tal como concluído em estudos anteriores sobre aquisição de L2 de clíticos pronominais, os resultados obtidos parecem confirmar que, independentemente da sua língua materna, todos os aprendentes seguem um percurso idêntico na aquisição desta propriedade gramatical, semelhante ao observado na aquisição de L1.
- Verifica-se um predomínio inicial de ênclise nos dados de produção, em ambos os grupos de informantes.
- De acordo com os dados de produção, os contextos que determinam próclise são gradualmente adquiridos numa sequência, idêntica para os dois grupos de informantes.
- Ao contrário de estudos anteriores que incidem sobre outras línguas românicas, observou-se evidência de ausência de uma distinção marcada entre clíticos e pronomes fortes nos estádios iniciais de aquisição, bem como efeitos de influência da L1 ao nível do ritmo de aquisição, particularmente em estádios intermédios e avançados.

Várias questões permanecem em aberto, nomeadamente no que se refere às conclusões retiradas deste estudo (por exemplo, como explicar a sequência de aquisição dos contextos de próclise observada?), bem com às diferenças verificadas nos resultados dos dois testes. Estas questões serão exploradas em trabalhos futuros.

Referências

Belletti, A. & C. Hamann (2000) *Ça on fait pas!* On the L2 acquisition of French by two

- young children with different source languages. In C. Howell, S. Fish & T. Keith-Lucas (orgs.) *Proceedings of the 24th Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 116-127.
- Cardinaletti, A. & M. Starke (1999) The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. In H. van Riemsdijk (org.) *Clitics in the languages of Europe (Empirical approaches to language typology 20, Eurotyp 5)*. Berlin: Mouton de Gruyter, 145-233.
- Duarte, I., G. Matos & I. Faria (1995) Specificity of European Portuguese clitics in Romance. In I. Faria & M. J. Freitas (orgs.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística & Edições Colibri, 129-154.
- Duffield, N. & L. White (1999) Assessing L2 knowledge of Spanish clitic placement: converging methodologies. *Second Language Research* 15, 133-160.
- Duffield, N. *et al.* (2002) Clitic placement in L2 French: evidence from sentence matching. *Journal of Linguistics* 38, 487-525.
- Epstein, S. *et al.* (1998) The Strong Continuity Hypothesis: Some evidence concerning functional categories in adult L2 acquisition. In S. Flynn, G. Martohardjono & W. O'Neil (orgs.) *The Generative Study of Second Language Acquisition*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 61-77.
- Leonini, C. & A. Belletti (2004) Adult L2 acquisition of Italian clitic pronouns and 'subject inversion'/VS structures. In J. van Kampen & S. Baauw (orgs.) *Proceedings of GALA 2003 (Generative Approaches to Language Acquisition)*, vol. 2. Utrecht University: LOT Occasional Series 3, 293-304.
- Liceras, J. (1985) The value of clitics in non-native Spanish. *Second Language Research* 1, 151-168.
- Liceras, J. *et al.* (1997) A longitudinal study of Spanish non-native grammars: beyond parameters. In A.T. Pérez-Leroux & W. Glass (orgs.) *Contemporary perspectives on the acquisition of Spanish*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 99-132.
- Mapasse, E. (2005) *Clíticos pronominais em português de Moçambique*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Novaković, N. (2005) Language Transfer in the acquisition of Serbo-Croatian Object Clitics by French and English Learners of Serbo-Croatian. In *Working Papers in English and Applied Linguistics* 10. University of Cambridge: Research Centre for English and Applied Linguistics, 197-243.
- Otero-García M. (2002) The acquisition of clitic placement: A case study of Spanish L2 learners of Galician. In *Working Papers in English and Applied Linguistics* 7. University of Cambridge: Research Centre for English and Applied Linguistics, 25-55.
- Parodi, T. (2002). Optionality in developing grammars: pronouns and clitics in L2 acquisition. In *Working Papers in English and Applied Linguistics* 7. University of Cambridge: Research Centre for English and Applied Linguistics, 57-80.
- Selinker, L., M. Swain & G. Dumas (1975) The interlanguage hypothesis extended to children. *Language Learning* 25, 139-152.
- Tsakali, V. & K. Wexler (2004), Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. In J. van Kampen & S. Baauw (orgs.) *Proceedings of GALA 2003 (Generative Approaches to Language Acquisition)*, vol. 2. Utrecht University: LOT Occasional Series 3, 493-504.
- Tsimpli, I. (2003), Clitics and determiners in L2 Greek. In J. Liceras *et al.* (orgs.) *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition*

- Conference (GASLA 2002)*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 331-339.
- Vos, R. & L. Veselovská (1999) Clitic Questionnaire. In H. van Rijemsdijk (org.) *Clitics in the languages of Europe (Empirical approaches to language typology 20, Eurotyp 5)*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- White, L. (1996) Clitics in L2 French. In H. Clahsen (org.) *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 335-368.